

OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E O COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO CÔA



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

IPPAR

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

ARTE RUPESTRE PRÉ E PROTO-HISTÓRICA DO VALE DO CÔA E ENVOLVENTE

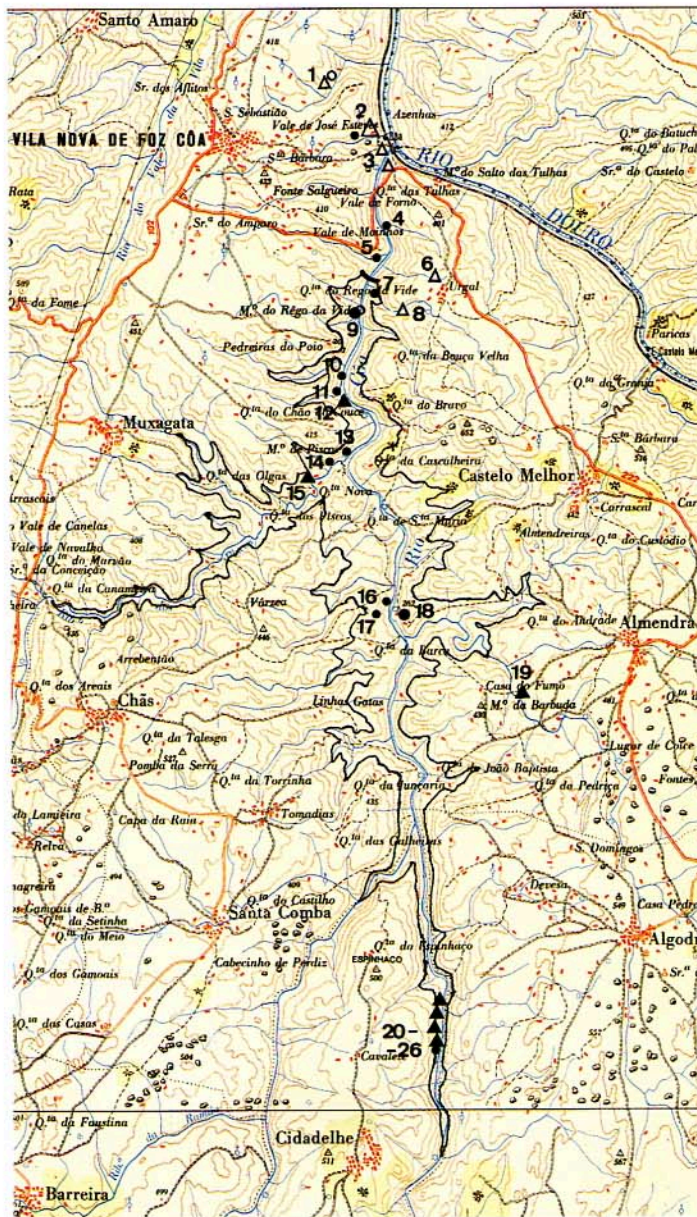
Base cartográfica:
Carta de Portugal, I.G.C.
Escala 1:100 000

Linha contínua a negro:
limite da albufeira prevista.

- Gravuras de tipologia paleolítica
- Gravuras de tipologia epipaleolítica
- ▲ Pinturas do Neolítico
- Idade do Bronze
- △ Gravuras filiformes da Idade do Ferro

Sítios detectados até Março de 1995:

- 1 Vale dos Cabrões (V.N. Foz Côa)
- 2 Vale de José Esteves (V.N. Foz Côa)
- 3 Foz do Côa/Fonte Frieira (Castelo Melhor)
- 4 Broeira (Castelo Melhor)
- 5 Vale dos Moinhos (V.N. Foz Côa)
- 6 Meijapão/Orgal (Castelo Melhor)
- 7 Canada do Amendoal I (C. Melhor)
- 8 Canada do Amendoal II-IV (C. Melhor)
- 9 Canada do Inferno/Rêgo da Vide (V.N. Foz Côa)
- 10 Vale Videiro (V.N. Foz Côa)
- 11 Vale de Figueira II (V.N. Foz Côa)
- 12 Vale de Figueira I (Muxagata)
- 13 Foz de Piscos/Qta. dos Poios (Muxagata)
- 14 Ribeira dos Piscos I (Muxagata)
- 15 Ribeira dos Piscos III (Muxagata)
- 16 Quinta da Barca I-II (Chãs)
- 17 Quinta da Barca III (Chãs)
- 18 Penascosa (Castelo Melhor)
- 19 Ribeirinha (Almendra)
- 20/26 Faia I-VI (Cidadelhe)



Nélson Rebanda*

OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E O COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE DO CÔA

***O Dr. Nélson Rebanda é o arqueólogo responsável pela coordenação da equipa permanente do IPPAR que realiza os trabalhos arqueológicos em curso no Vale do Côa. Estes trabalhos são igualmente acompanhados, desde o princípio de 1995, pelo Dr. António Martinho Baptista e pelo Arq. Mário Varela Gomes.**

INTRODUÇÃO

O LANÇAMENTO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM de Vila Nova de Foz Côa, por parte da empresa EDP-Electricidade de Portugal, levou à intervenção dos serviços de arqueologia do ex-IPPC (Instituto Português do Património Cultural), posteriormente IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico), com vista ao estudo e salvaguarda dos vestígios arqueológicos ameaçados pela construção deste aproveitamento hidroeléctrico.

Esta colaboração entre entidade promotora da obra e o organismo da tutela, surge na sequência das recomendações do EIA (Estudo do Impacto Ambiental) e após se ter verificado a existência de um considerável número de sítios do interesse arqueológico, de acordo com esse estudo prévio.

A filosofia de intervenção adoptada inscreve-se nos princípios decorrentes dos colóquios promovidos pelo Conselho da Europa, em Florença (1984) e Nice (1987), tendo por base a chamada "Arqueologia de Salvamento" ("Archeologie de Sauvetage", ou "Salvage Archaeology"), numa perspectiva de minimização do efeito das grandes obras públicas sobre o património arqueológico e construído.

Assim, foi formalizado um protocolo entre o IPPAR e o promotor, a empresa EDP, em 22 de Março de 1993, com vista ao aprofundamento do estudo da área da albufeira prevista da barragem de Vila Nova de Foz Côa, até à conclusão da obra, apontada para 1998, assim como para eventual trasladação de valores culturais que se justificasse.

Eram inicialmente identificados no Estudo do Impacto Ambiental 68 sítios, com destaque para quatro locais com vestígios de pinturas pré-históricas do período calcolítico, dois possíveis habitats pré-históricos, quatro locais com vestígios de período romano e alti-medieval, e grande quantidade de estruturas rurais em fase de abandono.

Com o desenvolvimento dos trabalhos, sob a responsabilidade do IPPAR e em colaboração com a empresa EDP, um programa de pesquisa mais intensivo, que se encontra em curso, permitiu aumentar o número de sítios, com particular destaque para um vasto complexo de arte rupestre, desde o Período Paleolítico à Idade do Ferro, compreendendo diversos estilos e técnicas.

Além da arte rupestre, merecem atenção certas plataformas ou terraços fluviais, susceptíveis de conter vestígios de habitats pré-históricos, e os locais com vestígios do período romano ou alti-medieval, que importa escavar.

De resto, as construções rurais, exceptuando algumas casas de quinta, são de tipo similar às que ainda hoje restam por toda a região (moinhos, pombais, currais, eiras e abrigos). Merecem, contudo, um registo criterioso, dentro de uma perspectiva patrimonial e de Arqueologia total, conforme os pressupostos científicos que orientaram este trabalho.

O COMPLEXO DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA



Fig.1
Canada do Inferno.
Vista geral, com localização
da rocha 1.

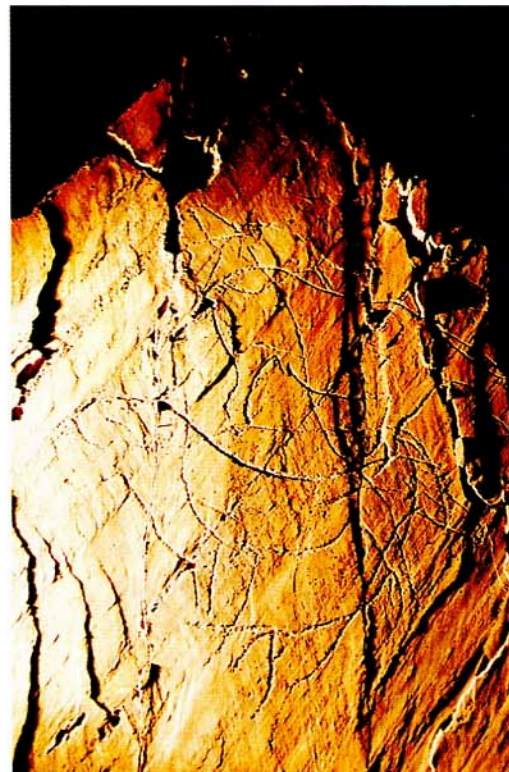


Fig.2
Canada do Inferno.
Gravuras paleolíticas em
sobreposição (rocha 1)

Os achados

Aquando dos trabalhos de prospecção efectuados para elaboração do capítulo do património arqueológico do Estudo de Impacto Ambiental de autoria do Doutor F. Sande Lemos, haviam sido identificados seis sítios com arte rupestre pré-histórica, dos quais quatro possuíam pinturas e dois com gravuras da Pré-história recente e Proto-história.

Mediante a decisão da construção da barragem (*fig.1*) levaram-se a efeito algumas deslocações esporádicas ao terreno, em 1992 com início de trabalhos mais intensivos a partir da assinatura do referido Protocolo, em 1993. Assim, em fase prévia, foram identificadas duas rochas com zoomorfos executados em traço fino, a jusante da barragem, no sítio de Vale de Moinhos que, à falta de paralelos inequívocos, se consideraram inicialmente epipaleolíticos e outra rocha, a montante, com gravuras de tipologia claramente paleolítica, no sítio da Canada do Inferno (*fig.2*). Nada fazia prever a possibilidade de existência de outros vestígios contemporâneos, nesta área, até ao abaixamento do nível das águas do rio Côa, aquando da construção da ensecadeira de montante e túnel de desvio do rio, para efeito da construção da barragem de Vila Nova de Foz Côa. É de referir que o rio Côa desde 1982 é penetrado pelo regolho da barragem do Pocinho, no Douro, numa extensão de 6,5 quilómetros.

A circunstância desse abaixamento permitiu vislumbrar, por breve lapso de tempo, a existência de outras rochas com gravuras de tipologia paleolítica (*fig.3 e fig.4*) abaixo do nível actual do Côa (125.5 metros), não tendo sido possível efectuar-se mais do que algumas fotos e um registo a vídeo, quando um imprevisto caudal de cheia impossibilitou qualquer levantamento mais aturado. A partir daqui e paralelamente às diligências efectuadas junto da EDP para um novo abaixamento até à cota natural realizou-se uma prospecção sistemática desta zona, tanto na margem esquerda como na direita, por forma a determinar se a extensão do conjunto submerso alcançava cotas superiores.



fig.3

*Canada do Inferno. Gravura paleolítica
(submersa pela albufeira de Pocinho).*

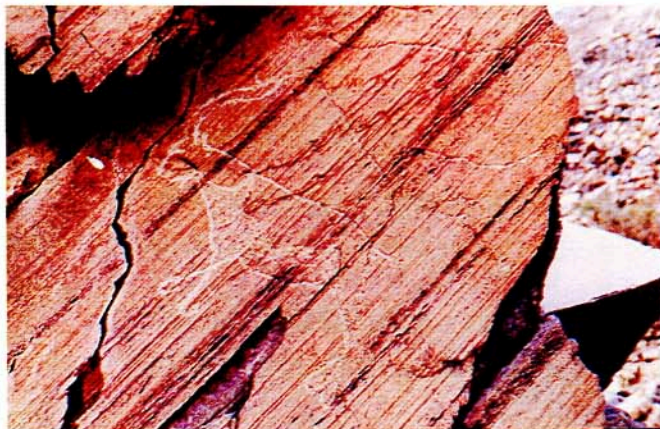


fig.4

*Rêgo da Vide. Gravuras paleolíticas
(submersas pela albufeira de Pocinho).*

Até ao Verão de 1994 seriam identificadas apenas na Canada do Inferno (margem esquerda), mais quatro rochas com gravuras de tipologia paleolítica, das quais se efectuaram decalques e outras formas de registo habituais em arte rupestre.

Um novo abaixamento não previsto do nível das águas do Côa em fins de Outubro de 1994, embora relativo (cerca de 2,5 metros a 3 metros), permitiu observar algumas das rochas submersas, tendo-se conseguido melhorar o registo fotográfico e realizar o decalque de todos os painéis visíveis, alguns correspondendo a novas descobertas. Logo que se verificou o abaixamento, foi elaborada uma nota de imprensa com vista à divulgação pública do achado.

Ainda no mês de Novembro e nos dias seguintes à subida das águas a progressão para montante permitiria a detecção de mais duas rochas com gravuras paleolíticas respectivamente em Vale Videiro (só uma figura, quase à superfície) e em Vale de Figueira, e outras duas no Ribeiro dos Piscos, afluente da margem esquerda do Côa. Estes novos achados fizeram antever a possibilidade de o santuário paleolítico não se circunscrever a uma área localizada, podendo distribuir-se ao longo do rio, o que levou à alteração radical da estratégia de prospecção, agora direccionada apenas para a arte rupestre.

As prospekções desenvolveram-se igualmente para jusante da barragem até à confluência do Côa com o Douro, onde se localizaram algumas rochas com gravuras filiformes de tipologia paleolítica e outras, também filiformes, mas datáveis da Idade do Ferro, com particular destaque para o núcleo do Vale de José Esteves subsidiário do Douro, embora próximo da foz do Côa.

Em meados de Janeiro passado, o reconhecimento das pinturas mencionadas no EIA na cauda da albufeira prevista, permitiu detectar aí mais um novo sítio associando gravuras de tipologia paleolítica com pinturas esquemáticas.

No final desse mês pessoas da região identificavam o conjunto de gravuras da Panasqueira (Castelo Melhor) e o painel dos três bovídeos a jusante da foz de Ribeiro de Piscos, ambos de tipologia paleolítica.¹

Nos inícios de Fevereiro, igualmente o contributo de pessoas da região referenciava novas gravuras, estas da Idade do Ferro, em Vale dos Cabrões, próximo de Vila Nova de Foz Côa². Ainda no mês de Fevereiro, a equipa do Plano Arqueológico do Côa detectava mais três sítios com gravuras paleolíticas na Quinta da Barca, na margem oposta ao núcleo de Penascosa.

Em Março, novamente em Vale dos Cabrões, é localizada outra rocha com uma bela gravura epipaleolítica representando um cervídeo³.

É previsível que novos achados se venham a verificar, considerando que falta ainda prospectar, de forma sistemática, cerca de um terço da área da albufeira prevista. Do mesmo modo, há que ter em conta a possibilidade de novas ocorrências quando se proceder ao abaixamento do nível do rio até à cota natural.

Por este breve apontamento se pode ver que a sucessão dos achados tem sido um processo cumulativo, em que os vestígios conhecidos até Novembro de 1994, além de reduzidos e esporádicos, não passavam da ponta de um *iceberg* maior, que continua crescendo.

¹ As gravuras de Castelo Melhor foram detectadas pelo Sr. Adriano Ferreira, residente em Vila Nova de Foz Côa, numa área que ainda não tinha sido prospectada pela equipa do Plano Arqueológico do Côa. O painel da foz de Piscos foi detectado pelo Sr. António do Nascimento, Presidente da Junta de Freguesia de Muxagata.

² As gravuras de Vale dos Cabrões foram detectadas pelo Sr. José Constâncio, residente em Vila Nova de Foz Côa.

³ Gravura igualmente detectada pelo Sr. José Constâncio, acompanhado pelo Dr. António Sá Coixão, arqueólogo de Vila Nova de Foz Côa, que elabora a Carta Arqueológica deste concelho.

Breve caracterização

Como foi dito, o complexo de arte rupestre do vale do Côa e vales adjacentes à sua confluência com o Douro, comporta representações de diversas épocas, estilos e técnicas, desde o Paleolítico Superior à época histórica, até meados do séc. XX.

Predominam as gravuras em superfícies verticais de xisto, com uma única exceção, até ao momento, de gravuras executadas em zona de granitos. O maior número de pinturas reconhecidas encontra-se em paredes graníticas que apertam a cauda da albufeira prevista.

Embora a atribuição cronológica seja sempre discutível apenas com base em parâmetros estilísticos, poder-se-á tentar uma descrição diacrónica, necessariamente esquemática, por forma a caracterizar as existências reconhecidas até à data.

A primeira fase, datando do Paleolítico Superior (entre 20000 e 10000 anos) é, para já, a mais importante, caracterizada por numerosas representações de cavalos, bovídeos e caprídeos, em estilo naturalista, similar às imagens mais clássicas do ciclo franco-cantábrico (*ver fig.2 a fig.8*).

Até à data foram identificados quatro grupos principais de gravuras deste tipo, classificáveis genericamente da fase Perigordense ou Solutrense médio antigo (estilo II de Leroi-Gourhan), ao Magdalenense, com cerca de 25 rochas⁴, acima do nível de influência da albufeira do Pocinho no rio Côa (cota de 126 m), havendo, pelo menos, mais de 10 painéis submersos, no sítio de Canada do Inferno e uma gravura entre Vale Videiro e Vale de Figueira.

O primeiro grupo (Canada do Inferno) encontra-se entre 450 e 800 metros, a montante da barragem, o segundo (Vale de Figueira) a 2,5 quilómetros, o terceiro (Ribeira dos Piscos/Quinta dos Poios), a 3,5 quilómetros e o quarto (Penascosa/Quinta da Barca) a 6,5 quilómetros.

Como se disse atrás, a temática dominante desta fase é essencialmente animalista, com aparente ausência de signos, e uma única representação humana, recém-descoberta na ribeira de Piscos. De notar ainda uma enigmática estrutura composta por dois escalariformes, ligados na base por um traço horizontal e no topo por uma linha convexa, pendente (espécie de trapézio), que pode ser interpretado como armadilha ou tectiforme.

Os animais dominantes da arte paleolítica do Côa parecem ser o cavalo e o bovídeo (auroque), talvez com maior percentagem deste último, que chega a ser exclusivo em certos locais (Vale de Figueira e Foz de Piscos). Por seu lado, o caprídeo, escassamente representado na Canada do Inferno e ausente nos outros grupos, aparece em força no núcleo de Penascosa e especialmente Quinta da Barca (*fig.7 e fig.8*), onde é praticamente exclusivo. Quanto aos cervídeos há a considerar um possível veado, em sobreposição existente numa das rochas submersas da Canada do Inferno e

⁴ Considera-se "rocha", um suporte de superfície contínua, com espaçamento inferior a um metro, em que a base pertence ao mesmo afloramento. Cada rocha pode suportar vários "painéis". Estes são compostos por uma ou várias gravuras, isoladas ou em sobreposição.

fig.5
Ribeira de Piscos I.
Gravuras paleolíticas.
Cavalos de cabeça enlaçada.

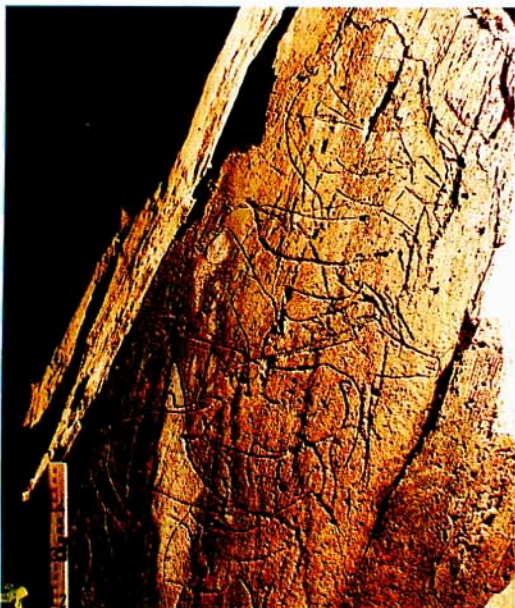
fig.6 (em baixo)
Penascosa.
Gravuras paleolíticas em
sobreposição (rocha 3)



um belo rangífer, submerso, entre Vale Videiro e Vale de Figueira. Outro cervídeo, sem hastes (possível fêmea), executado em traço fino, por abrasão, aparece na rocha 2 de ribeira dos Piscos.

As técnicas de gravação variam entre a picotagem e a abrasão, por vezes as duas conjugadas (picotagem regularizada por abrasão). Pelo menos na rocha 3 do núcleo de Penascosa (Castelo Melhor), a técnica de abrasão, em sulco profundo, comum a um grupo de bovídeos, sobrepõe-se a uma cabeça de cavalo executada por percussão.

As dimensões dos animais de estilo clássico podem variar entre os 15 centímetros, como acontece com dois caprídeos de uma das rochas de Penascosa (Castelo Melhor) ou o pequeno touro de Vale de Figueira, e cerca de 1,80 m, como no caso dos grandes bovídeos da Foz da Ribeira de Piscos (Quinta dos Poios) ou de um cavalo de uma das rochas submersas da Canada do Inferno. Contudo, a norma situa-se entre os 40 e 50 centímetros de extensão, da extremidade do focinho à parte média da cauda.



A distribuição das figuras no conjunto das rochas pode acontecer isoladamente, ou em associações (não sobrepostas), como a rocha dos dois bovídeos de Canada do Inferno, em sobreposições parciais, como no caso da cena de acasalamento dos dois equídeos de ribeira dos Piscos (ver fig.5), ou ainda em sobreposições mais ou menos densas, como na rocha 1 da Canada do Inferno e na rocha 3 de Penascosa (ver fig.6).

Em associação a estas gravuras, executadas em traço mais largo, surgem, por vezes, grande quantidade de finos traços que, se em alguns casos serviam de esboço ou complemento aos anteriores, noutros desenham formas, nem sempre perceptíveis. A sua análise requer um paciente trabalho de decalque e o recurso a luz artificial, num processo necessariamente moroso.

Sendo de admitir que alguns destes traços sejam contemporâneos das gravuras de traço largo, outros há que definem um estilo grafitado, possivelmente mais tardio, de zoomorfos de corpo preenchido por finos traços, que tem vindo a ser situado no período Madalenense. Alguns destes exemplares apresentam uma extraordinária semelhança com algumas descobertas recentes de Domingo Garcia (Segóvia)⁵, onde até há poucos anos só era conhecido um cavalo gravado por picotagem.

No vale do Côa, as primeiras figuras incisas com preenchimento de traço múltiplo foram detectadas no Vale dos Moinhos (duas rochas com zoomorfos), a jusante da barragem, e na Canada do Amendoal, num pequeno painel localizado sob um abrigo, na margem direita, a montante da barragem. Outras figuras idênticas viriam a encontrar-se na Canada do Inferno (cavalo ou cervídeo?) e no vale de José Esteves (veado).

fig.7
Quinta da Barca I.
Gravuras paleolíticas,
de sulco profundo e filiformes



fig.8
Quinta da Barca III.
Gravura paleolítica.
Caprídeo com
cabeça em dois
movimentos.



⁵ Sergio Ripóll Lopez, Luciano José Muncio González, "Un grand ensemble d'art rupestre paléolithique de plein air dans la Meseta espagnole", *INORA, International Newsletter on Rock Art*, nº 7, 1994, pp. 2-5.

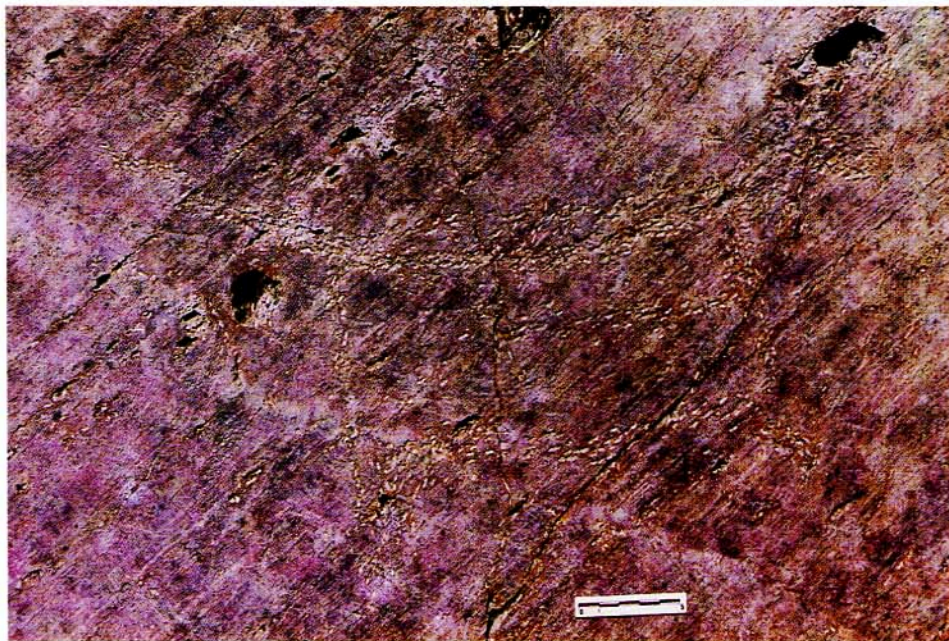
Outros traços lineares cervico-dorsais, de estilística paleolítica, surgem numa rocha de Vale dos Cabrões (fora da albufeira) e Broeira (a jusante da barragem).

Merecem referência à parte, pela sua especificidade, as gravuras de Faia VI, na cauda da albufeira prevista, gravadas numa parede granítica e associadas a pinturas esquemáticas da pré-história recente. Contudo, as gravuras, muito esbatidas pela erosão e pelos líquenes, correspondem tipologicamente ao período paleolítico e representam dois bovídeos afrontados além de uma sequência de quatro cabeças de bóvide apontadas em direcção ao chão. Uma das cabeças encontra-se inserida num ressalto da rocha, onde os pigmentos de ocre se conservaram melhor, nomeadamente no preenchimento do sulco gravado, o que também é perceptível nas outras figuras fora desse resguardo.

Sem excluir a hipótese de que toda a pintura pudesse ter sido realizada em período posterior, na pré-história recente, o facto de certos traços pintados acrescentarem pormenores não gravados, sugere a possibilidade de um dos momentos pictóricos ser contemporâneo das gravuras. Estas apresentam um polimento do traço, que lhe confere um perfil em U.

Aparentemente no seguimento da fase paleolítica, foram observadas na Canada do Inferno, algumas gravuras já submersas pela albufeira do Pocinho, de estilo sub-naturalista, gravadas por picotagem. Um painel localizado pouco acima do nível antigo do rio era composto por zoomorfos de corpo ovóide, enquanto um outro mais à superfície (*ver fig.9*) apresenta um caprídeo de corpo sub-rectangular, espantosamente semelhante à fig. 1 da rocha F-155 do Vale do Tejo⁶.

fig.9
Canada do Inferno.
Gravura epipaleolítica.
Caprídeo executado
por picotagem.



⁶ António Martinho Baptista, A rocha F-155 e a origem da arte do Vale do Tejo, Porto, 1981

Nesta fase podemos inserir também a última figura detectada no Vale dos Cabrões pelo Dr. Sá Coixão e Sr. José Constâncio, onde se pode encontrar flagrante analogia em certas figuras também do Vale do Tejo, do tipo “estilizado-estático” de Varela Gomes⁷. A técnica de execução, em picotado disperso, privilegiou o tratamento da cabeça, esbeltamente voltada para trás, com a armação cuidadosamente representada. Os membros são representados por simples traços rectilíneos, tal como um dardo que atinge o ventre do animal, por baixo.

Do período Neolítico ou Calcolítico, há uma série de rochas com pinturas a ocre, em tom avermelhado e vinho (num caso), a cerca de 15 quilómetros a montante da barragem, na zona de Faia (freguesia de Cidadelhe, concelho de Pinhel), onde o vale do Côa é particularmente abrupto, formando um “canyon” quase inacessível.

As pinturas de Faia localizam-se em paredes verticais (Faia I, II, IV e VI), num abrigo sob pala (Faia III) e num ressalto de rocha (Faia V). Os motivos figurados representam zoomorfos sub-naturalistas e antropomorfos esquemáticos e sub-naturalistas (*fig.10*). Uma destas rochas comporta as gravuras de tipo paleolítico atrás referidas. Ficam todas abaixo do nível da albufera prevista.



fig.10
Faia 1.
Pinturas neolíticas?,
representando dois zoomorfos.

⁷ Mário Varela Gomes, "A rocha 49' de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo", *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. 1, Lisboa, 1990, pp. 151-177.

Da Idade do Ferro foi detectado também um expressivo conjunto fora do alcance da albufeira do Côa, tanto no sítio já referido do Vale de José Esteves, junto do Douro, como no Vale de Cabrões, próximo de Vila Nova de Foz Côa, e ainda uma rocha próximo da povoação de Orgal, homens, animais e símbolos, de linhas angulosas, com elevado grau de estilização.

Estas gravuras, filiformes, apresentam particular analogia com as do Vale de Canivães (Vale da Casa ou vale da Cerva), muito próximas da foz do Côa, e que foram estudadas por António Martinho Baptista antes de serem submersas pela albufeira do Pocinho em 1982⁸.

Existem ainda, um pouco por todo o vale, diversas gravuras da época histórica, do século XVII até ao século XX, localizadas preferencialmente junto das pré-históricas, e que se revestem do bastante interesse do ponto de vista etnográfico.



fig.11

Meijapão/Orgal.
Gravuras da Idade do Ferro,
representando duas figuras
equestres.



fig.12

Canada do Inferno.
Arte rupestre popular
(rocha submersa pela
albufeira de Pocinho)

⁸ António Martinho Baptista, "O complexo de gravuras rupestres do vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)", *Arqueologia*, número 8, Dez. 1983, pp. 57-69.

Problemas e perspectivas

Considera-se extremamente prematura qualquer conclusão relativa ao complexo artístico do Vale do Côa, antes da conclusão da prospecção intensiva do campo e do levantamento circunstanciado dos conjuntos já detectados.

Pode-se dizer, no entanto, que o conjunto da arte rupestre paleolítica é, ao momento, o maior que se conhece ao ar livre na Europa Ocidental, o que rompe com a ideia de uma arte essencialmente cavernícola. Isto era algo que, ainda em Novembro último não era previsível, tendo por base apenas os escassos sítios conhecidos com arte paleolítica ao ar livre. Tanto Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta), como Domingo Garcia (Segóvia, Espanha), ou Fornols-Haut (Campôme, França)⁹ comportavam apenas rochas únicas. A única excepção parecia ser Siega Verde, com 12 núcleos, numa extensão de cerca de um 1 km, em 1991¹⁰. Entretanto, sabe-se agora que a retoma da investigação em Domingo Garcia, ampliou para 12 km a área com arte paleolítica conhecida¹¹.

Em termos regionais tem-se associado o vale do Côa, a outras manifestações artísticas paleolíticas mais próximas, como sejam Mazouco¹² e Siega Verde, em ordem a consagrar uma "*nova província artística*", dentro deste período, e na Europa Ocidental. Tal como nestes casos, também no vale do Côa o elemento fluvial está presente e a exposição preferencial das gravuras ao Nascente¹³. O Côa, como o Águeda, são rios que correm para Norte, pelo que a nota dominante é a implantação dos conjuntos gravados na margem esquerda, apesar da excepção do conjunto de Penascosa, na margem direita do Côa.

Este facto, juntamente com o maior número de caprídeos no conjunto Penascosa/Quinta da Barca, leva a colocar a hipótese de se estar em presença não de um santuário (que envolvesse a totalidade do rio), mas de mais de um santuário, o que aliás também parece acontecer em algumas grutas¹⁴. No entanto, o facto de a associação cavalo-bovídeo estar patente em dois grandes núcleos e cada uma das três espécies mais representadas (cavalo, bóvdeo, caprídeo) formarem núcleos monotemáticos ao longo do vale, pode levar-nos a perceber este espaço como o único santuário

⁹ Paul Bahn. Jean Vertut, *Images of ice age*, New York/Oxford, 1988, pp. 111-113.

¹⁰ Rodrigo de Balbín Behrmann, Javier Alcolea González, Manuel Santonja, Rosario Pérez Martín, "Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre." *Del Paleolítico a la Historia. Museo de Salamanca*, 1991, pp. 33-48.

¹¹ Sergio Ripóll López, Luciano Muncio González, Francisco J. Muñoz Ibañez, Sara Pérez Marín, José R. López Moreno de Redrojo, "El cerro de San Isidro en Domingo García. Nuevos descubrimientos", *Revista de Arqueología*, nº 157, Maio 1994, p. 14.

¹² Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Maria de Jesus Sanches e Teresa Soeiro, "Gravuras rupestres de Mazouco", *Arqueologia*, 3, Porto, 1981, pp. 3-12 e, mais recentemente: Mário Varela Gomes, "Escoural et Mazouco", *Les Dossiers d'Archeologie*, 198, Nov. 1994, pp. 4-9.

¹³ O plano da rocha do "Carneiro" de Mazouco está orientada, grosso modo, no sentido W-E. No entanto, o abrigo sob pala abre-se para Nascente.

¹⁴ Francisco Jordá Cerdá, "Cap.1 Paleolítico", in: *Historia de España, vol. I Prehistoria*, Ed. Gredos, Madrid, 1986, p. 104.

em que o rio funcionaria como galeria axial e os alvéolos de alguns ribeiros como divertículos laterais, tal como num sistema de gruta.

Esta questão remete, naturalmente, para uma outra, que é a da cronologia dos conjuntos e dentro de cada conjunto, de cada gravura, por forma a chegar à construção de todo o sistema artístico, com as suas continuidades e rupturas.

Tudo quanto se possa dizer, neste momento, é especulativo. Só depois do levantamento total dos conjuntos artísticos, caso a caso, com implantação topográfica por núcleo e no contexto do vale, se poderá dispor de uma base mais sólida de reflexão.

Por outro lado, é necessário identificar a presença de habitats, correlacionáveis com as gravuras, por forma a definir a espacialidade subjacente ao sistema artístico e ao sistema regional mais global. Para já, a distribuição dos conjuntos ao longo do vale, na fase anterior aos filiformes datáveis genericamente do Madalenense, com grandes figuras bem marcadas e visíveis à distância, parece indiciar formas de culto colectivo, admitindo a função religiosa assinalada por Leroy-Gourhan, sem o intimismo recôndito das grutas.

A exposição preferencial das rochas a Nascente e a associação dos animais ao rio, sugerindo uma veneração das águas correntes¹⁵, podem concorrer para a ideia de estarmos em presença de um rio sagrado¹⁶. Ou será, antes, que o sagrado e o profano estariam de tal modo imbricados que é possível terem produzido, nas imediações de outros rios da região, ou fora dela, outros complexos artísticos análogos?

A resposta a esta e outras questões tem que ser necessariamente procurada no terreno, não em função de barragens, mas através de um trabalho sistemático e persistente.

Por fim, acresce dizer que a grande importância do complexo rupestre do Côa, advém, não tanto da densidade (estatisticamente provável) de rochas gravadas, pois não se equipara aos grandes complexos pós-glaciares (do tipo do vale do Tejo, Valcamonica, ou Mont Bégo) mas do extenso filo temporal que, de maneira inédita, associa num mesmo espaço, representações paleolíticas e pós-glaciares. Este facto, verdadeiramente novo, associado ao extraordinário paralelismo de duas figuras para já conhecidas, na Canada do Inferno e em Vale dos Cabrões, com motivos do vale do Tejo, permitirá relançar a questão das origens da arte pós-glaciar e do progressivo esquematismo das formas, que culmina nos conjuntos pictóricos da pré-história recente.

¹⁵ Paul Bahn, "Histoire d'eau: l'art pariétal pré-historique des Pyrénées", *Travaux de l'Institut d'Art Pré-historique*, XXII, Univ. de Toulouse Le Mirail, 1980, pp. 129-135.

¹⁶ Foi na sequência desta ideia que o realizador Paulo Costa adoptou a nossa expressão *rio sagrado* ao título de um documentário alargado, sobre a arte do Côa, transmitido pela TV2 em 29/3/1995.

BIBLIOGRAFIA

Actas do Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica, nos 25 anos da descoberta do Escoural, *Almansor, rev. de Cultura*, nº 7, 1989.

Arte rupestre en España, Ed. Zugarto Ediciones, Madrid, 1987.

BAHN 1980. Paul Bahn, "‘Histoire d'eau’: l’art pariétal pré-historique des Pyrénées", *Travaux de l’Institut d’Art Pré-historique*, XXII, Univ. de Toulouse Le Mirail, 1980, pp. 129-135.

BAHN-VERTUT 1988. Paul Bahn, Jean Vertut, *Images of ice age*, New York/Oxford, 1988, pp. 111-113

BALBÍN BEHRMANN 1991. Rodrigo de Balbín Behrmann, Javier Alcolea Gonzalez, Manuel Santonja, Rosario Pérez Martín, "Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre" *Del Paleolítico a la Historia. Museo de Salamanca*, 1991, pp. 33-48

BAPTISTA 1981. António Martinho Baptista, *A rocha F-155 e a origem da arte do Vale do Tejo*, Porto, 1981.

BAPTISTA 1983. António Martinho Baptista, "O complexo de gravuras rupestres do vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)", *Arqueologia*, nº 8, Dez.1983, pp. 57-69.

CLOTTE-COURTIN 1994. Jean Clottes, Jean Courtin, *La grotte Cosquer*. Ed. Seuil, Paris, 1994.

GOMES 1990. Mário Varela Gomes, "A rocha 49' de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo", *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. 1, Lisboa, 1990, pp. 151-177.

GOMES 1994. Mário Varela Gomes, "Escoural et Mazouco", *Les Dossiers d’Archeologie*, 198, Nov. 1994, pp. 4-9.

Historia de España, vol. 1 - Prehistoria, Ed. Gredos, Madrid, 1986.

JORGE ET AL. 1981. Susana Oliveira Jorge, Vitor Oliveira Jorge, C.A.F. Almeida, M.J. Sanches e M.T. Soeiro, "Gravuras rupestres de Mazouco", *Arqueologia*, 3, Porto, 1981, pp. 3-12.

LEROI-GOURHAN 1971. André Leroi-Gourhan, *Pré-histoire de l’art occidental*. Ed. Wlazenod, Paris, 1971.

RIPÓLL LOPEZ ET AL. 1994a. Sergio Ripóll López. Luciano Municio González, Francisco J. Wlunoz Ibanez, Sara Pérez Marín, José R. López Moreno de Redrojo, "El cerro de San Isidro en Domingo García. Nuevos descubrimientos", *Revista de Arqueologia*, nº 157, Maio 19

RIPÓLL LOPEZ ET AL. 1994b. Sergio Ripóll Lopez, Luciano José Muncio González, "Un grand ensemble d’art rupestre paléolithique de plein air dans la Meseta espagnole", *INORA, International Newsletter on Rock Art*, nº 7, 1994, pp.2-5.